

OS LEBENSHÖHEPUNKTE COMO ETHOS CRISTÃO EM HEGEL E NIETZSCHE A PARTIR DOS CONCEITOS DE "DESTINO" E "AMOR"

Adilson Felício Feiler

Orientador: Agemir Bavaresco

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2014

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/6933>

RESUMO

Mediante os conceitos de Amor e Destino, apresentamos uma aproximação entre Hegel e Nietzsche, seguindo respectivamente O espírito do Cristianismo e seu destino e O Anticristo. O ponto de convergência desta aproximação é o ethos cristão, tendo como telos, nesta leitura do Romantismo Alemão, a abertura à plenitude vital Lebensfülle que atinge os seus pontos culminantes, Lebenshöhepunkte. Com esse conceito mostramos que o espírito do Cristianismo está ligado à prática de Jesus que inclui os aspectos normativos e orgânicos, pela crítica da moral e da lei e afirmação da ética cristã. É, pois, mediante uma aproximação de diferenças, marcadas pelo ser e não-ser, pelo apolíneo e o dionisíaco que atingimos, respectivamente, a reconciliação e o amor. Ambas as tendências teleológicas apontam para um modelo ético marcado pela abertura da vida, para a sua plenitude: Lebensfülle, e que está destinada, infinitamente, a atingir pontos culminantes: Lebenshöhepunkte.

Palavras-chave: Filosofia. Hegel. Nietzsche. Ética. Cristianismo.

DA TOLERÂNCIA À HOSPITALIDADE NA DEMOCRACIA POR VIR. UM ENSAIO A PARTIR DO PENSAMENTO DE JACQUES DERRIDA

Gustavo Oliveira de Lima Pereira

Orientador: Ricardo Timm de Souza
Grau: Doutorado
Data da defesa: 2014
Instituição: PUCRS
URL: <http://hdl.handle.net/10923/6968>

RESUMO

O principal objetivo desta tese concentra-se em articular, primordialmente a partir do pensamento de Jacques Derrida, uma rota alternativa para pensar-se a ética, a política e a democracia dos tempos atuais, tendo como ponto de partida a categoria da "hospitalidade", aventura filosófica que pode ser compreendida como um outro nome da desconstrução e um conceito central no pensamento do filósofo argelino-francês. Assim, refuta-se a categoria da "tolerância", ideia que sintetiza, em linhas gerais, uma tradição de pensadores identificados com a herança iluminista, tanto na Filosofia Moderna quanto Contemporânea, e que se proclama ainda como o último passo da história, no contexto das relações humanas e entre Estados. Dessa forma, a hospitalidade, no pensamento de Derrida, seria a categoria suficientemente potente para redirecionar a discussão a respeito da liberdade, da política e da democracia (e demais circunstâncias que resvalam a tais categorias) para a dimensão do por vir e, portanto, para a reinserção da temporalidade como elemento filosófico que se insurge para bem além das tratativas de domesticação impostadas pelo desejo de controle, sintetizado na ideia de desejo de soberania. A soberania, nessa tese, será pensada tanto na dimensão da relação intersubjetiva - no "desejo de apropriação" empregado pela ipseidade do mesmo sobre uma alteridade, vista na relação entre o hospedeiro e o hóspede (seja na condição de estrangeiro, de vadio ou de fantasma) - quanto no contexto político (em seu sentido estrito), onde o conceito de soberania (expresso sob o comando da tolerância) atua a partir da autoridade do direito, das fronteiras entre Estados, da nacionalidade, da pátria, enfim, sob o plano da previsibilidade e da calculabilidade. A aporia que se instaura entre a lei da hospitalidade e as leis da hospitalidade desenvolvidas por Derrida, conduz o pensamento da desconstrução da soberania para uma abertura capaz de viabilizar a reinvenção de um pensamento político de esquerda, na espera silenciosa pelo acontecimento da democracia por vir.

Palavras-chave: Tolerância. Hospitalidade. Democracia por vir. Vadiocracia. Soberania. Estrangeiro. Fantasma. Aporia.

MATERIALISMO EVOLUTIVO: NATUREZA, DIALÉTICA E SUJEITO

Victor Ximenes Marques

Orientador: Eduardo Luft

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2014

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/6988>

RESUMO

O materialismo evolutivo é uma proposta de metafísica naturalista que busca combinar a teleologia imanente da dialética hegeliana com a historicidade não-teleológica da evolução darwiniana. Inspirando-se mais na biologia do que na física para desenvolver uma ontologia geral, descarta os postulados atomistas do materialismo clássico para produzir uma nova imagem da natureza, uma que seja compatível com a existência objetiva da normatividade e da intencionalidade, facilitando a articulação entre imagem manifesta e imagem científica. O materialismo evolutivo se propõe a compreender a subjetividade como realidade natural, e como é possível que ela tenha evoluído ao longo do tempo a partir do mundo físico não-mental. Procura-se compreender a inteligência e a racionalidade como resultados, não como princípios – como produtos tardios e contingentes de uma história natural. Para tanto, são mobilizados os instrumentos teóricos da filosofia dialética e da biologia contemporânea para montar um quadro conceitual rico o suficiente para permitir a naturalização da agência. Nossos objetivos aqui são: 1) defender que não é mais possível progredir em algumas questões clássicas da filosofia sem um engajamento sério com as ciências naturais, 2) mostrar que há uma linha histórica contínua que vai de Kant, passando por Hegel e pelo materialismo dialético, até às recentes propostas científicas de caracterizar a vida por sua organização circular, 3) demonstrar que a fórmula Hegel + Darwin permanece atual e frutífera como base de um materialismo criativo, um programa de pesquisa que pretenda naturalizar o sujeito sem eliminá-lo.

Palavras-chave: Natureza. Sujeito. Dialética. Evolução. Materialismo. Vida.

ERÓTICA E ONTOLOGIA: UM ENSAIO SOBRE A QUESTÃO DA ONTOTEOLOGIA NO PENSAMENTO DE ORÍGENES DE ALEXANDRIA

Lúcio Álvaro Marques

Orientador: Roberto Hofmeister Pich

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2014

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7006>

RESUMO

Duas perguntas fomentaram nossa pesquisa: “por que há algo e não o nada?” (G. Leibniz) e “o amor de Deus, para ser compreendido, pressupõe o amor humano?” (J. -Y. Lacoste). Elas pontuam elementos fundamentais à compreensão divina. O ser e o amor, desde a herança grega, semita e joanina, despertam uma interrogação sobre a convergência ou divergência entre os conceitos. Atentos às compreensões platônica (que situa o bem “para além do ser”) e à aristotélica (que afirma Deus como “para além do intelecto”), conscientes também das leituras de Lacoste e Ricoeur sobre o sentido e alcance do ser e do amor na tradição ocidental, interrogamos: necessita-se estabelecer uma relação entre ser e amor para compreender Deus? Eis a questão que enfrentamos mediante as críticas à ontoteologia: o “desvio” operado pelo pensamento cristão primitivo sobre o sentido do ser e seu esquecimento segundo Heidegger, a recusa levinasiana da neutralidade do pensamento ontológico, a busca de um discurso que pense Deus sem a contaminação do ser, a tentativa de destruição da idolatria do ser e a compreensão de um “Deus que ama sem ser” por Marion. Entre a crítica ao ser da ontoteologia (Heidegger), a recusa do ser (Lévinas) e a exclusiva adesão ao amor (Marion), não encontramos respostas suficientes, por isso voltamos ao pensamento cristão primitivo (Orígenes de Alexandria) para averiguar se encontramos uma formulação da compreensão divina que não se reduzisse ao objeto da crítica ontoteológica tanto quanto ao exclusivo discurso teológico sobre o amor. Uma formulação curiosa da nossa questão encontra-se em Joseph S. O’Leary ao nomear o “oximoro endógeno à filosofia ocidental” como a necessidade de “reconciliar individualidade e universalidade, liberdade e necessidade lógica, Deus pessoal e razão suficiente”. Para afrontar a questão, recorreremos ao primeiro sistema de pensamento cristão primitivo. Orígenes de Alexandria pareceu-nos uma testemunha fiel do esforço de conjugar a herança grega do ser à tradição semita da metafísica exódica, além da compreensão cristã do amor. Porém, tal empreendimento exigiu a elaboração de uma ontologia divina, una e trina, e uma erótica divina e humana. Finalmente, averiguamos a possibilidade de uma articulação entre a erótica, mediante a “passibilidade do Impassível” (*passio caritatis Impassibilis*), e a ontologia, unitária na essência e trinitária nas “hypóstases” (*mía ousía três hypostáseis*), porque assim responderíamos à questão fundamental tanto para a metafísica quanto para a teologia: é possível compreender Deus como ser e amor? A possibilidade de uma resposta à questão depende da conjunção entre ser e amor em uma unicidade concreta, isto é, é possível compreender a unicidade e a universalidade do Logos identificando-as ao Logos encarnado?

Palavras-chave: Ontoteologia. Orígenes de Alexandria. Erótica. Ontologia. Deus.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.1	Junho 2015	p. 363-379
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	------------

A QUESTÃO DA INAUGURAÇÃO DO SUJEITO ÉTICO A PARTIR DA RESPONSABILIDADE DIANTE DA MORTE DO OUTRO: LEVINAS E FREUD

Eneida Cardoso Braga

Orientador: Ricardo Timm de Souza
Grau: Doutorado
Data da defesa: 2014
Instituição: PUCRS
URL: <http://hdl.handle.net/10923/7134>

RESUMO

Este trabalho propõe-se a apresentar a tese do surgimento do sujeito ético a partir da responsabilidade diante da morte do Outro, através da interlocução entre algumas ideias principais dos pensamentos de Emmanuel Levinas e Sigmund Freud. Nesta interlocução, procuramos evidenciar diferentes pontos de abertura em suas concepções teóricas que nos apontem para a significância do vestígio da ausência como possibilidade de manter incessante a busca e a continuidade da vida. Procuramos ressaltar, desta forma, a morte como relação ao infinito, e não como uma finitude no tempo. Neste contexto, abordamos a relevância do atrelamento entre a violência, a pressa e a indiferença, - características da contemporaneidade - e a temporalidade, como possibilidade de um futuro que não seja mero reflexo do presente. Assim, a partir da responsabilidade pela alteridade na sua forma mais radical - a morte ou ausência do outro, o sujeito pode constituir-se em sua subjetividade.

Palavras-chave: Morte. Alteridade. Subjetividade. Crítica.

A ATENÇÃO INTENCIONAL NA TEORIA DA COGNIÇÃO DE PEDRO DE JOÃO OLIVI

Márcio Paulo Cenci

Orientador: Roberto Hofmeister Pich

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7003>

RESUMO

A presente tese de doutorado tem por finalidade mostrar que a atenção intencional é um elemento pré-experiencial necessário ao ato cognitivo perceptual. Pedro de João Olivi (1247/8-1298) sustenta que a atenção intencional tem de ser posta como a condição para o desempenho ativo do ato cognitivo perceptual. Um dos tópicos da teoria da cognição perceptual é descrever o tipo de acesso que a mente tem aos objetos exteriores. A hipótese apresentada no presente trabalho depende da teoria da matéria, da teoria da alma, da teoria das potências anímicas como pressupostos para a teoria da atenção intencional. Sendo assim, apresenta-se como Olivi elabora uma teoria da matéria peculiar e distingue a matéria corporal da espiritual (Capítulo 1). Destarte, principalmente, em entes cognoscentes humanos, essa distinção exige alguma explicação da conexão entre a matéria espiritual e a matéria corporal. Com o detalhamento da teoria da alma humana (Capítulo 2), explicita-se a coligação entre corpo e mente e também entre as potências anímicas. De fato, a solução de Olivi depende da admissão de uma teoria da alma em que as partes formais estão coligadas sob um princípio de subordinação e de continuidade (Capítulo 3). Além disso, em Olivi, no desempenho das potências anímicas sensórias é que se nota a necessidade da atenção intencional quando da orientação da potência para um ou outro objeto. Mas essa atenção é própria do modo de ação do sentido comum aplicada aos atos dos sentidos exteriores. Assim, estão dados os elementos teóricos sistematicamente pressupostos para o tratamento da atenção intencional. A conexão entre atenção e intencionalidade é tema do último e fundamental capítulo (Capítulo 4) deste trabalho. A intencionalidade é um componente natural da apreensão sensorial, mas em Olivi ela exige que a alma tenha uma natureza ativa, pois o desempenho intencional é precípua à alma e é independente de elementos representacionais intermediários como as species. Olivi não reduz o ato cognitivo ao modo de ação ativo ou passivo, mas adiciona a causa terminativa como uma função do objeto na produção do ato. A terminação, então, é crucial para mostrar como a atenção cognitiva é classificada como intencional. Por fim, apresenta-se a atenção intencional como a condição que garante o acesso imediato aos objetos do mundo exterior.

Palavras-chave: Cognição Perceptual. Atenção. Pedro de João Olivi. Intencionalidade.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.1	Junho 2015	p. 363-379
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	------------

O DILEMA DO CRITÉRIO EM HEGEL: UMA CRÍTICA A K. WESTPHAL E UMA PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO COM R. CHISHOLM

Ediovani Antonio Gaboardi

Orientador: Eduardo Luft

Grau: Doutorado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7136>

RESUMO

Este trabalho pretende contribuir com a discussão que ocorre na filosofia analítica sobre a epistemologia de Hegel, investigando o Dilema do critério a partir da interpretação que Westphal faz da resposta hegeliana a ele e sugerindo possibilidades de diálogo a partir da aproximação com a abordagem de Chisholm. O Dilema do critério diz respeito aos argumentos de Sexto Empírico sobre a impossibilidade de decidir se há ou não um critério de verdade. O argumento sustenta que há uma circularidade entre demonstração e critério, decorrente da exigência contraditória de que o critério seja condicionado e incondicionado, e baseia-se na aplicação do Trilema céptico de Agripa. Concordamos com Westphal que Hegel enfrenta o Dilema do critério ao propor-se verificar a legitimidade de diferentes concepções de conhecimento sem pressupor um conceito de conhecimento como critério. Mas consideramos sua abordagem ambígua, ao identificar critérios que teriam sido assumidos por Hegel. Esses critérios definiriam a coerência nas dimensões pragmática, interna e reflexiva. Além disso, Westphal aponta diversos pressupostos não demonstrados em Hegel: um realismo que supõe que a coerência só é possível se há correspondência, uma confiança nas capacidades e disposições cognitivas da consciência, a tese de uma cultura comum a unir as figuras da consciência, os leitores da Fenomenologia e o próprio Hegel e uma visão teleológica de história. Essas teses não se integram com o falibilismo que Westphal atribui a Hegel e, ao mesmo tempo, tornam não resolvido o Dilema do critério. Consideramos essas teses interessantes, inclusive pelo seu potencial crítico, mas acreditamos que o essencial da resposta hegeliana ao Dilema do critério está em sua abordagem imanente da justificação, que na Fenomenologia expressa-se em duas perspectivas metodológicas: a exposição fenomenológica e a fenomenologia dialética. Esta contém três passos: autoexposição dos pressupostos ontológicos e epistemológicos, redução ao absurdo e negação determinada. Todos os pressupostos da Fenomenologia são submetidos a uma tentativa de redução ao absurdo, e o que todos eles pressupõem evidencia-se como saber absoluto. A noção de saber absoluto contém a eliminação da cisão entre saber e objeto e, com ela, da cisão entre verdade e justificação, que subjaz à abordagem transcendente da justificação, pressuposta pelo Dilema do critério e pelas abordagens epistemológicas. A resposta hegeliana ao Dilema do critério, assim, pressupõe uma redução ao absurdo exaustiva de todas as abordagens transcendentais e a legitimidade da demonstração por refutação. A partir disso, propomos alguns pontos de contato entre a abordagem de Hegel e a de Chisholm. Em primeiro lugar, esse autor tem um ponto de vista bastante restrito sobre a natureza dos critérios, que poderia ser alargado a partir da visão de Hegel. Em segundo lugar, tanto Chisholm como seus críticos utilizam formas da

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.1	Junho 2015	p. 363-379
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	------------

abordagem imanente que poderiam ser mais bem conceituadas, inclusive em sua relação com o ceticismo, mediante um diálogo com Hegel. Em terceiro lugar, a potencialidade implícita na abordagem hegeliana do conhecimento poderia ser mais bem explorada através do contato com os recursos teóricos e linguísticos disponíveis na epistemologia analítica contemporânea.

Palavras-chave: Dilema do Critério. Hegel. Westphal. Chisholm.

COMPLEXIDADE E O PROBLEMA DO MAL

Felipe Mendes Sozzi Miguel

Orientador: Roberto Hofmeister Pich

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2014

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/6970>

RESUMO

A maioria – ou talvez mesmo todos – os argumentos que procuram demonstrar a não existência ou a baixa probabilidade da existência de Deus a partir do mal existente no mundo dependem, explícita ou implicitamente, da ideia de que há males gratuitos no mundo ou da ideia de que, se Deus existisse, Ele teria criado um mundo melhor que este. O objetivo desta dissertação é avaliar as dificuldades que a complexidade consequencial da história coloca para a formulação desses tipos de argumentos. Adicionalmente, procuro investigar brevemente como o modelo providencial molinista, que pressupõe o conhecimento por Deus dos chamados contrafatuais da liberdade, incorpora ou deveria incorporar a questão da complexidade causal do mundo.

Palavras-chave: Problema do Mal. Complexidade. Teísmo Cético. Alvin Plantinga. Contrafatuais da Liberdade. Molinismo.

A VIRTUDE SOCRÁTICA COMO FUNDAMENTO DE UMA ÉTICA DO CUIDADO DE SI

Romualdo Monteiro dos Santos

Orientador: Norman Roland Madarasz

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2014

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7028>

RESUMO

Esta pesquisa visa compreender como a ética do Cuidado de Si em Sócrates incitava aos homens que se auto-examinassem a si mesmos. Como o cuidado de si contribuiu para que o homem atingisse o aperfeiçoamento da alma. A busca incessante de Sócrates para que o homem se conhecesse a si mesmo, conseqüentemente, chegasse à virtude - conhecimento, ciência. A psyche (alma) sofreu uma enorme transformação na comparação com a conceituação do termo antes de Sócrates. Entretanto, a principal mudança consistia que a alma era a essência do homem, isto gerava muitas conseqüências, como a busca pelo aperfeiçoamento do interior humano. Para Sócrates, a alma e o corpo eram elementos distintos, com funções distintas, mas sempre fizeram parte de unidade e não de um dualismo. A questão do destino da alma foi uma descoberta platônica, visto Sócrates não uma concepção metafísica de mundo, conforme aquela criada por Platão. Objetivamente, Sócrates não tinha interesse em saber qual seria o destino da alma, pois sua ética centrava-se no homem integral. A ética do cuidado de si tornava o indivíduo plenamente preparado para enfrentar os maiores desafios proporcionado pela vida. Pois ele estaria habilitado interiormente devido ao seu autoexame. Hadot e Foucault pesquisaram sobre o conceito de epiméleia heautoû e em ambos existe a vinculação do cuidado de si com a prática dos exercícios espirituais. Nietzsche critica a moralidade socrática e toda forma de religiosidade. Mas existe algo trabalhado por Hadot, que é ódio amoroso de Nietzsche por Sócrates. Também de Nietzsche vem a questão do niilismo tratado no último capítulo, quando os valores tradicionais perdem os seus referenciais; a vida perde o sentido; não se tem uma explicação do por quê? Enfim, a pesquisa busca examinar como a ética socrática pode ser relevante na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Ética Socrática. Teoria da Alma. O Cuidado de Si. O Aperfeiçoamento da Alma.

ÉTICA DA MEMÓRIA: IMAGENS DE WALTER BENJAMIN

Manuela Sampaio de Mattos

Orientador: Ricardo Timm de Souza
Grau: Mestrado
Data da defesa: 2015
Instituição: PUCRS
URL: <http://hdl.handle.net/10923/7133>

RESUMO

Este trabalho procura abordar o tema da ética da memória em Walter Benjamin, dando particular ênfase à grande e singular obra das *Passagens*. Para o enfrentamento da questão, inicialmente são trabalhados conceitos fundamentais da obra do autor, os quais projetam o caminho que nos leva à temática da ética da memória. Primeiramente, é abordada a concepção do despertar como um amplo conceito, que representa um momento dialético ao extremo, em que cada agora é o agora de uma determinada cognoscibilidade. O despertar é um limiar no qual imagens aparentemente ínfimas e dispensáveis podem ser lidas, já que todo presente é permeado por imagens do passado que lhe são sincrônicas. As imagens não pertencem a uma determinada época, mas se tornam legíveis, como um relâmpago, apenas num momento específico. O interpretar das imagens se relaciona diretamente com o despertar, tanto para os mitos quanto para o mundo de sonhos do século XIX, levando em conta que o mais potente mito daquele século foi (e continua sendo) o mito do progresso. Este trabalho também expõe algumas con-siderações acerca do que significa, na obra de Benjamin, as imagens dialéticas, assim como algumas ideias a respeito da montagem literária como método. Tudo isso para direcionar e confirmar a hipótese de que há, no instante do despertar, uma ética da memória na obra de Walter Benjamin.

Palavras-chave: Despertar. Imagens Dialéticas. Montagem. Ética da Memória. Walter Benjamin.

A IMPOSSIBILIDADE DE MORRER E A DESCONSTRUÇÃO DA MORTE: BLANCHOT E DERRIDA

Jerônimo de Camargo Milone

Orientador: Ricardo Timm de Souza
Grau: Mestrado
Data da defesa: 2015
Instituição: PUCRS
URL: <http://hdl.handle.net/10923/7135>

RESUMO

Esta dissertação trata de elencar subsídios para uma interpretação a respeito da morte nas obras de Maurice Blanchot e Jacques Derrida. Os pontos de pertinência em cuja tese se desdobra são os seguintes. Primeiramente, a pertinência da morte dentro do pensamento blanchotiano, destacando suas relações ao pensamento de Hegel, Heidegger e Bataille, abordando, principalmente, “La littérature et le droit à la mort”. Neste sentido, a dissertação trata de apresentar argumentos que demonstram uma separação de Blanchot às interpretações sobre a morte nos autores citados, inserindo sua pertinência maior na discussão com Derrida e, de certo modo, com Levinas – perspectiva tomada, sobretudo, de L’entretien infini e L’écriture du désastre. Em seguida apresenta-se, detidamente em Derrida, a crucialidade da morte para o desenvolvimento em sentido lato do pensamento derridiano e da desconstrução. Assim, trata-se de destacar os argumentos derridianos, em setores parcialmente diversos da sua obra, para evidenciar a estreita ligação da desconstrução com uma crítica da morte e da apreensão filosófica do pensamento da morte como atributo arquetipo de uma sensificação que legitima o discurso conceitual. Neste ponto, a preocupação do trabalho é fazer surgir a importância, quase que axiomática, de uma crítica do uso da morte para o movimento da desconstrução, apresentando, portanto, a partir de Le Séminaire La peine de Mort, a desconstrução da morte como um aspecto de extrema relevância no amplo pensamento de Derrida. Finalmente, a dissertação trata de fazer convergir e evidenciar a intimidade da relação entre os pensamentos de Derrida e Blanchot, na sua similar orientação aporética, que insiste na irreduzibilidade da morte ao trabalho do pensamento, como elemento essencial – além e aquém da essência - da alteridade. Assim, a impossibilidade de morrer, como denúncia do movimento dialético, seria análoga à desconstrução da morte enquanto crítica da legitimação da verdade a partir de uma determinada apreensão da morte. Diagonalmente a tais conceitos, a dissertação insiste sob os caracteres da poesia e da alteridade, expressando a implicabilidade desta questão aos pensamentos ético e estético como formas de um testemunho incomensurável às tentativas de circunscrição da vida.

Palavras-chave: Blanchot. Derrida. Impossibilidade de Morrer. Desconstrução da Morte. Ética.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.1	Junho 2015	p. 363-379
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	------------

RAZÃO E NORMATIVIDADE: ADORNO, HABERMAS E O PROBLEMA DA FUNDAMENTAÇÃO

Jéverton Soares dos Santos

Orientador: Nythamar Hilário Fernandes de Oliveira Júnior

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7137>

RESUMO

Esta pesquisa versa sobre uma questão central na filosofia: o problema da fundamentação. Ainda que o conceito de fundamentação filosófica tenha sofrido profundas metamorfoses ao longo da história, incluindo a perda de suas referências metafísicas, ontológicas e teológicas, a querela subjacente ao tema continua a mesma: a busca das bases racionais legitimadoras do pensamento e da ação. Tendo em vista a “virada copernicana” na filosofia empreendida por Kant e a reviravolta pragmático-linguística na filosofia contemporânea, a questão da fundamentação deixa-se expressar nos seguintes termos: qual é o elemento transcendental que reside na atitude prática do homem? Com o objetivo de responder a essa pergunta nos deteremos na análise do pensamento de dois grandes filósofos da contemporaneidade: Theodor Adorno e Jürgen Habermas. Nesse ínterim, dedicamo-nos a examinar também o conceito de racionalidade de cada um desses autores, assim como suas propostas de fundamentação normativa da ética. Perguntamo-nos qual é o modelo de razão mais apto a examinar as questões de natureza normativas e gnosiológicas de nossa época, marcada, de um lado, pelo prestígio da técnica e das ciências tecnológicas, que faz com que prevaleça uma visão instrumental e praticista do homem, e por outro lado, pela influência— frequentemente pernicioso— dos meios de comunicação de massa, que aliados à semiformação no plano pedagógico e cultural impede a plena realização do conceito de maioridade (Mündigkeit) enquanto telos da vida individual e coletiva como prometia o Iluminismo. A nossa tese é a de que a razão dialética desenvolvida por Adorno se apresenta como uma proposta mais abrangente e eficaz para equacionar essas e outras questões de nosso momento histórico.

Palavras-chave: Fundamentação. Adorno. Habermas. Razão. Normatividade.

A CONTRADIÇÃO NA CERTEZA SENSÍVEL

Michele Borges Heldt

Orientador: Eduardo Luft

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7224>

RESUMO

Ao procurar determinar e identificar as coisas à sua volta, a consciência pressupõe que estas sejam coisas indeterminadas. Desse modo, o ato de pensar entra instantaneamente em contradição com aquilo que é pensado e dito, pois determinar algo como sendo indeterminado constitui uma contradição. A consciência, em sua representação mais imediata, recorre à certeza sensível - que é a apreensão que a mesma realiza antes de fazer qualquer tipo de julgamento sobre a verdade ou falsidade da coisa apreendida -, procurando conhecer a verdade do objeto visado. A partir desse ponto, inicia-se um jogo de opostos que irá perdurar durante todo o seu desenvolvimento, onde, na tentativa de conhecer o que o objeto é de fato, ao recorrer à sua base conceitual, a consciência se depara com a universalidade constituinte do conceito acerca desse objeto. E mais, no universal constituinte de seu referencial, o —outrol aparece para ela como algo fundamental ao seu desenvolvimento. Já esse outro se refere a tudo aquilo que é exterior a consciência mesma, como as informações oriundas do exterior que são processadas internamente por meio da linguagem e dos conceitos. Na certeza sensível, essas informações aparecem de modo contraditório para a consciência porque o que ela busca é conhecer o objeto por si mesma e não por meio de um conhecimento proveniente do exterior. Entretanto, é somente por meio dos conceitos que a consciência será capaz de conhecer o objeto em sua singularidade. Dessa forma, a contradição de determinar algo de modo singular por meio da universalidade dos conceitos torna-se também necessária em sua busca por conhecimento. Na dialética hegeliana, a contradição não representa a impossibilidade de um conhecimento verdadeiro, mas é tida como parte constituinte no processo de desenvolvimento da consciência em sua busca pelo saber. Porém, enquanto Hegel entende que a mesma deve ser sempre suprassumida em prol do desenvolvimento do espírito absoluto, outras linhas de interpretação não consideram que a contradição possa ser eliminada no curso do movimento dialético.

Palavras-chave: Consciência. Certeza Sensível. Singular. Universal. Contradição.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.1	Junho 2015	p. 363-379
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	------------

CONCEPÇÕES E PERSPECTIVAS DE AGÊNCIA EPISTÊMICA

Thiago Rafael Santin

Orientador: Felipe de Matos Müller

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7237>

RESUMO

Esta dissertação trata do termo “agência epistêmica”, explorando diferentes concepções e avaliando perspectivas sobre seu uso e sentido, e divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, ela traz considerações acerca do termo “agência”, sua origem e multiplicidade de usos, bem como expõe seu surgimento na epistemologia e uma breve caracterização histórica. Para além, ela contextualiza o deontologismo epistêmico na discussão da ética da crença, caracterizando o surgimento da agência epistêmica doxástica e apresenta o problema do involuntarismo doxástico e respostas a ele. Ao final do capítulo, ela apresenta nossa avaliação dessa proposta, concluindo-se ceticamente. No segundo capítulo, ela traz nosso exame da proposta de agência epistêmica reflexiva, bem como apresenta a epistemologia da virtude e a metafísica de desempenhos. Ainda, ela abrange a definição de agência epistêmica através de desempenhos reflexivos e traz três críticas e uma avaliação da proposta que as segue, também concluindo ceticamente. No terceiro capítulo, ela abandona a normatividade e aborda a epistemologia melhorativa. Assim, faz uma reconstrução argumentativa de considerações de estudos empíricos, diagnosticando as capacidades cognitivas humanas atuais, e examina possibilidades de melhorar suas falhas sistemáticas, ou vieses cognitivos. Ela conclui ceticamente sobre a possibilidade de aprimoramento a partir dos próprios indivíduos e indica a possibilidade de restrições coletivas aos indivíduos, chamada de paternalismo epistêmico. Por fim, apresenta brevemente a epistemologia social e o paternalismo epistêmico, e conclui indicando ceticismo quanto à agência epistêmica individual, por um lado, e a possibilidade de agência epistêmica coletiva, por outro.

Palavras-chave: Epistemologia. Agência Epistêmica. Deontologismo Epistêmico. Epistemologia da Virtude. Epistemologia Social. Paternalismo Epistêmico.

SOBRE A TROCA INFORMACIONAL ENTRE O MODELO FISIOLÓGICO DE ORGANISMO E CONCEPÇÕES DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL: POLÍTICA, TÉCNICA E CIÊNCIAS DA VIDA A PARTIR DE GEORGES CANGUILHEM

Vanessa Nicola Labrea

Orientador: Norman Roland Madarasz

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7272>

RESUMO

O presente estudo aborda o problema da assimilabilidade entre modelos de organismo fisiológico e organização político-social, pautado principalmente pelo uso homólogo do conceito de regulação entre os domínios médico-científico e político. Os trabalhos em filosofia e história das ciências de Georges Canguilhem (1904-1995) permitem abordar o uso de modelos no âmbito das ciências da vida e analisar o trânsito informacional entre o âmbito político-social e médico-biológico, segundo os níveis estrutural, funcional e normativo. Discute-se a partir disso o viés “protético” da vida e o viés biológico da técnica. As considerações de Canguilhem convergem para determinação de sua obra enquanto campo de interação entre as quatro categorias: política, científica, vital e tecnológica. A individualidade orgânica e o modo de organização das sociedades humanas são discutidas pelo filósofo à luz da sociologia de Auguste Comte e Emile Durkheim, da fisiologia de Claude Bernard, de René Leriche, de François Broussais, de Xavier Bichat, da filosofia tecnológica de Alfred Espinas, de A. A. Cournot e outros cientistas/filósofos ambientados na França dos séculos XIX e XX. Georges Canguilhem é habitualmente classificado no quadro da chamada Epistemologia Histórica, em conjunto com Michel Foucault, Gaston Bachelard e Jean Cavailles. Em suma, apontamos aqui para um aporte teórico extraído da obra canguilhemeana enquanto contribuição à busca de métodos filosóficos para pensar o enredamento entre técnica, política, e ciências da vida, domínios que se mostram interagentes na produção de saber e de ação.

Palavras-chave: Biofilosofia. Regulação. Normatividade Vital. Organicismo. Canguilhem. Tecnopolítica.

O ENTRELAÇAMENTO FATO-VALOR: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE HILLARY PUTNAM E AMARTYA SEN

Carlos Roberto Bueno Ferreira

Orientador: Nythamar Hilário Fernandes de Oliveira Júnior

Grau: Mestrado

Data da defesa: 2015

Instituição: PUCRS

URL: <http://hdl.handle.net/10923/7340>

RESUMO

A presente dissertação busca analisar a dicotomia entre fato e valor. A separação do que é meramente fático-objetivo do que é valorativo-subjetivo é resultado de uma progressão histórica fundada numa série de teorias que se opõem entre si, remontando ao embate entre Descartes e Hume (racionalismo e empirismo). Contudo, esta dicotomia é criticada por Hilary Putnam, que defende a existência de um entrelaçamento de fatos e valores. Nesse sentido, buscar-se-á, no primeiro capítulo do trabalho, demonstrar o perigo de se defender o ideal de uma ciência livre de valores éticos e sociais. O capítulo seguinte, buscando demonstrar de modo mais tangível o entrelaçamento entre fato e valor, é dedicado a uma avaliação aplicada, relativa à insustentabilidade da referida dicotomia no campo da economia. Para isso, propõe-se avaliar alguns aspectos da obra de Amartya Sen, filósofo e economista indiano que dedicou sua carreira à afirmação da economia também como ciência humana que lida com fatores éticos complexos, que não podem ser reduzidos a números e estatísticas. Sen defende a possibilidade de uma economia de bem-estar e, para isso, propõe uma releitura da —teoria econômica clássica, aduzindo que ela teria sofrido empobrecimento ético decorrente da sua estrutura excessivamente ligada à razão matemática e ao foco no interesse individual. Buscando uma solução que evitasse o utilitarismo, Sen desenvolveu a teoria das capacidades, na qual se propõe a considerar as comparações interpessoais de —utilidade. A partir dessas discussões, pretendemos abordar o tema da dicotomia fato-valor com base no pensamento de Putnam e Sen, apontando as possíveis consequências geradas pelos argumentos levantados à percepção filosófica das ciências políticas, e às noções de razão aplicáveis às questões normativas.

Palavras-chave: Dicotomia Fato-valor. Hilary Putnam. Entrelaçamento Fato-valor. Amartya Sen. Abordagem das Capacidades